

Projeto Resisto!

Roteiro de pesquisa: Acervo Memorial

Eixo Repressão - Lugares da Memória:

1) Nome: Casa do Massacre da Lapa

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/casa-do-massacre-da-lapa>

Por que pesquisar:

O massacre da Casa da Lapa foi uma operação do exército brasileiro no Comitê Central do PC do B que culminou na morte de três dos dirigentes do partido. Na ocasião o PCdoB atuava clandestinamente em função da proibição imposta à sua existência pela Ditadura Militar.

Perguntas para o debate:

- . Qual é o interesse em proibir organizações políticas de oposição ao poder vigente?
- . Crimes cometidos pelo Estado são investigados por quem?
- . Já houve pena de morte no Brasil?

2) Nome: DOI-Codi/SP

Acesse em:

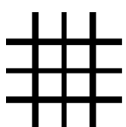
<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/destacamento-de-operacoes-internas-do-centro-de-operacoes-para-a-defesa-interna-doi-codi-sp>

Por que pesquisar:

O Destacamento de Operações e de Informações (DOI) era responsável pelas ações práticas de busca, apreensão e interrogatório de suspeitos, enquanto o Centro de Operações de Defesa Interna (Codi), era responsável pela análise de informações, a coordenação dos diversos órgãos militares e o planejamento estratégico do combate aos grupos de oposição ao Regime Militar. Seu objetivo era combater “inimigos internos” que, supostamente, ameaçariam a segurança nacional.

Perguntas para o debate:

- . Um cidadão que pensa diferente de você deve ser considerado um inimigo?
- . Informações obtidas de forma violenta podem ser consideradas investigação ou interrogatório?
- . Sendo o espaço onde funcionou o DOI-Codi um lugar de memória já tombado pelo Condephaat, por que mantê-lo funcionando enquanto uma delegacia? Quais são as implicações disso para a preservação da memória daquele local?



3) Nome: Deops/SP

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/deops-sp>

Por que pesquisar:

Deops eram as unidades de Polícia Política de cada estado, responsável pela repressão a comunistas, anarquistas, sindicatos e movimentos sociais. Em São Paulo, o Deops/SP era responsável por investigar todos os tipos de movimentos sociais, como greves, campanhas contra a carestia, associações de amigos de bairros, bem como fiscalizar a ação dos sindicatos e dos trabalhadores organizados e censurar manifestações artísticas que atentassem contra a moral e os bons costumes. As questões políticas ficavam a cargo de uma outra delegacia especializada, que também funcionava nesse departamento. Além de acompanhar comícios e eleições, esse setor ainda fornecia informações sobre a situação política nas cidades, recolhia informações sobre partidos políticos, personalidades e cargos.

Perguntas para o debate:

- . Qual é o objetivo de ter controle e fiscalizar toda movimentação social e política da população?
- . A quem interessa fiscalizar a organização da classe trabalhadora?
- . Costumes e práticas diferentes das minhas também podem ser considerados “bons costumes”?
- . O que é moral? Quem a define

4) Nome: Cemitério Dom Bosco - Vala de Perus

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/cemiterio-dom-bosco-vala-de-perus>

Por que pesquisar:

Os estudos indicaram 1.049 ossadas na Vala de Perus, todos de pessoas que foram enterradas sem registro. Muitos dos restos mortais estavam misturados uns com os outros, o que dificultou o processo de identificação. Além disso, alguns dos restos mortais continham detalhes específicos, como dentes de ouro ou marcas de tortura evidentes, que não eram compatíveis com as características de corpos de moradores de rua. Análises feitas com base nos poucos documentos encontrados comprovaram que aquela parte do cemitério era utilizada clandestinamente por agentes do Estado durante a Ditadura Militar.

Perguntas para o debate:

- . Por que uma vala com 1.049 corpos era clandestina?
- . Mesmo descoberta no final da década de 1970, a vala só foi aberta no início dos anos 1990. Por que esses anos de atraso?
- . Acredita-se que as dezenas de ossadas encontradas sem identificação na Vala de Perus são de moradores de rua, pessoas em alta vulnerabilidade social e desaparecidos políticos. Essas vidas podem ser tratadas como descartáveis pelo Estado?
- . Das 1.049 ossadas, apenas cinco tiveram sua identificação comprovada com exames de DNA. Destas, quatro eram de militantes políticos desaparecidos. É justo que 1.044 famílias não possam enterrar seus mortos com a dignidade devida?

5) Nome: Alameda Casa Branca

Acesse em:

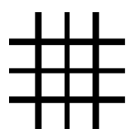
<http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/alameda-casa-branca>

Por que pesquisar:

A pedra com uma placa instalada em homenagem a Carlos Marighella, um dos principais líderes da luta armada contra a ditadura, está desde 1999 sobre uma das calçadas da Alameda Casa Branca, no Jardim Paulista, bairro de classe alta de São Paulo. Desde a sua instalação, ela foi alvo de protestos e até hoje é, eventualmente, vandalizada.

Perguntas para o debate:

- . Qual é a importância de nomes de ruas e a presença de monumentos em um espaço para a criação da memória coletiva de um país?
- . Quem escolhe os nomes das ruas e qual é a justificativa para essas escolhas?
- . Como o espaço urbano pode ser utilizado enquanto local de memória?



Eixo Repressão - Coleta Regular de Testemunhos:

1) Dilma Vana Rousseff

Assuntos correlatos: conjuntura política e social da ditadura, DOPS, DOI/Codi

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/dilma-rousseff>

Biografia:

Dilma Vana Rousseff nasceu no dia 14 de dezembro de 1947 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 1964, ingressou no Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte, onde cursou o ensino médio e iniciou sua trajetória de militância contra a Ditadura Civil-Militar através do movimento estudantil. Foi presa em janeiro de 1970 por agentes do DOI-Codi/SP e, durante o período de prisão, passou por diferentes cárceres instalados pela repressão em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Foi solta em 1973 após julgamento. Em 1977, graduou-se em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, na década de 1980, deu início à sua carreira política. Dentre outros cargos públicos, exerceu o mandato da presidência da República em 2010, tendo sido reeleita em 2014. Manteve-se no cargo até sua deposição em 2016, quando o Senado Federal aprovou seu pedido de impeachment.

Resumo da entrevista:

Em entrevista ao Programa Coleta Regular de Testemunhos, Dilma Rousseff relembrou seu envolvimento, iniciado em 1964, com o movimento estudantil secundarista em Belo Horizonte ao se aproximar das discussões políticas da época. Em 1967, como universitária, integrou diferentes organizações políticas de luta contra o Regime Militar. No ano de 1969, integrou a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) – organização na qual militou até a sua prisão em 1970. Durante o período em que esteve presa, Dilma passou pelo DOI-Codi/SP, pelo Deops/SP e pelo Presídio Tiradentes, além de outros cárceres no estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Em sua entrevista, Dilma refletiu sobre a conjuntura política e social que possibilitou o Golpe Civil-Militar de 1964; tratou sobre o contexto atual do país, que vive sob constantes ameaças ao exercício pleno da democracia e avaliou ainda o papel e a importância da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instituição criada em 2011, durante seu governo presidencial. Por fim, a entrevistada debateu sobre o papel do Memorial da Resistência de São Paulo no cenário nacional e apontou para sua importância enquanto um lugar de memória e espaço de valorização dos princípios e valores democráticos.

Reflexão:

CÁPITULO VII - SEÇÃO III

Da Responsabilidade do Presidente da República

Art 84 - São crimes de responsabilidade os atos do Presidente que atentarem contra a Constituição federal e, especialmente:

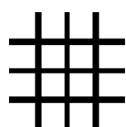
I - a existência da União;

II - o livre exercício do Poder Legislativo, do Poder Judiciário e dos Poderes constitucionais dos Estados;

III - o exercício dos direitos políticos, individuais e sociais;

(CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1967)

Este artigo pertence à Constituição vigente no período da Ditadura Civil Militar. Quais crimes de responsabilidade cometeram os ditadores que ocuparam a cadeira de presidente da república?



2) Ivan Seixas

Assuntos correlatos: Desaparecimento, centros clandestinos, DOI-Codi, DOPS

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/ivan-akselrud-de-seixas>

Biografia:

Ivan Akselrud de Seixas nasceu no dia 19 de novembro de 1954, em Porto Alegre. Aos 15 anos de idade, mudou-se com sua família para a cidade de São Paulo. Seu pai, o operário Joaquim Alencar de Seixas, foi militante e um dos dirigentes do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT). Aos 16 anos de idade, Ivan, que já prestava apoio a ações do MRT, foi preso ao lado de Joaquim, em 16 de abril de 1971. Pai e filho foram encaminhados ao DOI-Codi/SP, onde foram torturados juntos. Nessa mesma ocasião, também foram capturadas sua mãe e suas duas irmãs. Com toda a família presa no mesmo local, o momento da execução de Joaquim foi ouvido por seus familiares. Ao longo dos cinco anos em que esteve preso, Ivan passou por diversas prisões. Além do DOI-Codi/SP, esteve no Deops/SP, Deops/RS, Presídio Tiradentes, Penitenciária do Estado, Presídio do Hipódromo e na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté. Por se tratar de um menor de idade, seu caso figurou em inúmeras denúncias no exterior, que apontavam para as graves violações de direitos humanos e erros da justiça cometidos pela Ditadura Civil-Militar. Atualmente, é membro do conselho consultivo do Núcleo de Preservação da Memória Política de São Paulo (NM).

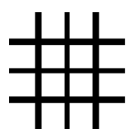
Resumo da entrevista:

A entrevista se pautou pela busca de informações descritivas da carceragem visando à criação da exposição do Memorial da Resistência no antigo espaço carcerário. O ex-presos político ficou detido no Deops/SP em diversas passagens entre 1971 e 1976. Com base nessa experiência, relembrou como era o interior das celas, as condições precárias de higiene, alimentação e repouso do local. Ressaltou ainda a preocupação comum entre os presos políticos de estabelecer formas solidárias de organização coletiva. Contou como se dava o sistema de troca de informações entre os detentos e sobre o registro deixado nas paredes como forma de denuncia frente às prisões não legalizadas. Narrou ainda a história de Eduardo Leite Bacuri e a tentativa frustrada dos companheiros presos ao tentarem salvá-lo de sua morte anunciada pelos agentes da repressão nos corredores da delegacia.

Reflexão:

*“Há homens que lutam um dia, e são bons;
Há outros que lutam um ano, e são melhores;
Há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons;
Porém há os que lutam toda a vida
Estes são os imprescindíveis”*
(Bertold Brecht)

Como os movimentos de resistência são vistos e tratados nos dias de hoje?



3) Margarida Maria do Amaral Lopes

Assuntos correlatos: exílio e feminismo, DOPS

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/margarida-maria-do-amaral-lopes>

Biografia:

Margarida Maria do Amaral Lopes, mais conhecida por Guida, nasceu no dia 27 de junho de 1951 na capital paulista. Por influência de seu pai, cresceu envolvida pela ideologia comunista e, antes de completar 18 anos de idade, ingressou como militante da Ala Vermelha. Logo, foi viver em um aparelho da organização juntamente com outros companheiros. Na manhã do dia 31 de agosto de 1969, o aparelho foi cercado pela polícia, e Guida foi presa junto com seu, então, namorado. Logo após a soltura, seguiu para o exílio na França, onde já vivia sua irmã, também perseguida política. Ao longo dos quase nove anos em que viveu no país, trabalhou, estudou e se envolveu com outros exilados políticos através do Comitê Brasileiro de Anistia e, assim, seguiu apoiando a luta de resistência do Brasil. Atualmente, Guida trabalha como mediadora de conflitos e colabora com o movimento feminista em São Paulo.

Resumo da entrevista:

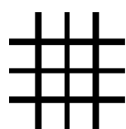
Em seu testemunho, Guida Amaral refletiu sobre sua experiência de militância, quando, ainda muito jovem, aderiu à Ala Vermelha - uma organização de esquerda que atuou em oposição à Ditadura Civil-Militar e desempenhou ações de resistência armada. Com apenas 17 anos, Guida foi viver em um aparelho juntamente com outros companheiros. Foi presa logo após atingir a maioridade ao lado de seu companheiro e namorado na época, Vicente Gomes Roig. A respeito deste fato, lembrou em detalhes o momento de apreensão do casal, detido durante tentativa de fuga. Levada para o Quartel General do II Exército, foi interrogada e torturada por aproximadamente uma semana. Em seguida, foi transferida para o Deops/SP, onde se seguiram as torturas e maus-tratos, além das condições precárias de falta de higiene e alimentação. Após três meses, foi encaminhada ao Presídio Tiradentes, onde permaneceu detida na chamada Torre das Donzelas por mais um mês. Sobre o período de prisão, relatou o cotidiano nos cárceres e narrou episódios marcados por uma convivência solidária e fraterna entre as mulheres. Falou ainda sobre a experiência vivida na França como exilada política por quase nove anos, envolvendo-se com a comunidade de exilados e com o crescente movimento feminista, movimento com o qual permanece envolvida até hoje no Brasil. Por fim, relatou sobre a experiência marcante e definitiva enquanto paciente do projeto Clínicas do Testemunho: reparação psíquica e reconstrução de memórias, financiado pela Comissão de Anistia.

Reflexão:

“Até quando as fogueiras reais ou simplesmente morais (estas não menos cruéis) serão usadas para eliminar aqueles que teimam em fazer uso da liberdade de pensamento?”

(Trecho de “Santo Inquérito” – Dias Gomes)

De que forma restringir a liberdade de pensamento funciona enquanto ferramenta de controle social?



4) Elza Ferreira Lobo

Assuntos correlatos: DOPS, Tortura

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/elza-ferreira-lobo>

Biografia:

Elza Ferreira Lobo nasceu no dia 30 de abril de 1937, em São Paulo, capital. Formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, trabalhava no setor de Planejamento da Secretaria da Fazenda quando ingressou na militância política em oposição à Ditadura Civil-Militar. Em razão de seu envolvimento com a Ação Popular (AP), foi presa em 10 de novembro de 1969. Surpreendida ao sair de casa por uma equipe da Operação Bandeirantes (Oban), chefiada pelo Capitão Maurício, Elza foi conduzida diretamente ao DOI-Codi/SP. Neste local, foi submetida, ao longo de semanas, a interrogatórios pautados por torturas. Em seguida, foi transferida para o Deops/SP, onde ficou na chamada “cela do fundão”. Em janeiro de 1970, seguiu para o Presídio Tiradentes, onde permaneceu reclusa até setembro de 1971. Ao sair do presídio, exilou-se, ligando-se ao Comitê Coordenador de Serviço Voluntário Internacional – órgão da UNESCO. Seu retorno ao Brasil se deu somente em 1979, quando é promulgada a Lei de Anistia. Em sua trajetória profissional, atuou como secretária executiva do Conselho Estadual de Saúde de São Paulo, onde contribuiu na implantação de ouvidorias em todas as Unidades de Saúde do Estado de São Paulo e introduziu em hospitais públicos salas de leitura através do Projeto Leia Comigo, em cooperação com a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e com a Secretaria de Assistência Penitenciária. Atualmente, é membro integrante do conselho consultivo do Núcleo de Preservação da Memória Política de São Paulo (NM).

Resumo da entrevista:

A entrevista se pautou pela busca de informações descritivas do ambiente prisional do Deops/SP. Nesse sentido, Elza Lobo, que esteve presa nesta delegacia entre novembro de 1969 e janeiro de 1970, compartilhou suas memórias a respeito do cotidiano na prisão do Deops/SP e sua estrutura física. Além disso, relembrou alguns eventos marcantes, como a chegada dos Freis Dominicanos - presos pela repressão por sua atuação de resistência à ditadura. Abordou também as condições precárias de sobrevivência impostas naquele ambiente em termos de alimentação e higiene básica. Segundo Elza Lobo, o Deops/SP, embora representasse um lugar marcado pela violência e repressão, ficou também conhecido pelas ações de solidariedade que eram manifestadas entre os presos. Tratou ainda sobre as questões de convivência que permeavam o dia a dia na cela, que era habitada por presas políticas e também pelas chamadas “presas comuns”. Falou sobre as estratégias de comunicação estabelecidas entre os presos de diferentes celas e descreveu parte da estrutura física dos espaços por onde circulou durante o período de prisão, com especial detalhamento das celas. Por fim, apontou para a intenção de denúncia contida por trás das inscrições feitas nas paredes das celas, que eram também batizadas com nomes de companheiros mortos e desaparecidos, como forma de homenageá-los.

Reflexão:

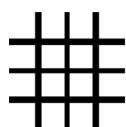
Daniel – Acho muito estranho que num escritório de educação tenha esse tipo de material.

Joana – Ler jornal é obrigação de todo cidadão, mais ainda dos educadores.

Daniel – Ninguém lê jornal e recorta.

Joana – Recortamos o que interessa aos trabalhos que desenvolvemos.

Daniel – Por eles podemos calcular que tipo de trabalho desenvolve.



Joana – Por quê?

Daniel – (Mostrando recorte por recorte) Favela, periferia, saúde pública, problema do desemprego, injustiça social e por aí afora.”

Daniel – Por que um aluno precisa ficar sabendo disto?

Joana – Porque são problemas da nossa cidade, da sociedade a que pertencemos. Todos precisam ficar sabendo do que se passa, para terem consciência da realidade que nos cerca, dos problemas que nos afligem. Só assim um cidadão pode ajudar a vencer esses problemas. Não é dever de todos?

Daniel – Das autoridades, não de fedelhos.

Joana – Mas são eles que serão autoridades amanhã.

*Daniel – É assim que pessoas como você fazem subversão: contaminando a nossa juventude”.
(Trecho de “Milagre na Cela” – Jorge Andrade)*

Censura é a única forma de impedir o acesso à informação?

